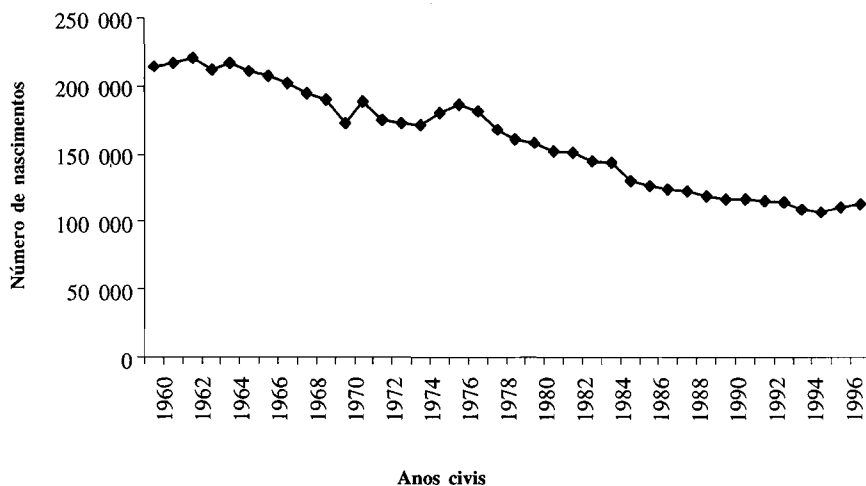


Notas sobre a população — a propósito da evolução recente do número de nascimentos

O número de nascimentos em Portugal tem vindo, de uma maneira geral, a diminuir (figura n.º 1).

Nascimentos em Portugal

[FIGURA N.º 1]



* Departamento de Sociologia da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

Contudo, apesar da tendência para a diminuição do número de nascimentos em Portugal, existem períodos em que esse decréscimo não se verifica. Neste caso estão os anos de 1960-1961, de 1961-1962, de 1963-1964, de 1970-1971, de 1974-1975, de 1975-1976, e os anos recentes de 1995-1996 e de 1996-1997.

Em relação a estes dois últimos anos, o aumento do número de nascimentos (passando de cerca de 107 000 em 1995, para 110 000 em 1996 e para 113 000 em 1997) tem suscitado algumas questões sobre o significado a atribuir a tais acréscimos.

De acordo com os dados disponíveis, nada nos permite, *por enquanto*, afirmar que tais aumentos de nascimentos prenunciam a entrada numa nova «era» de fecundidade, passando os casais portugueses a apostar novamente em descendências mais numerosas, ou que o número médio de filhos que as mulheres portuguesas contarão no final do seu período fértil esteja a aumentar.

Para já, é possível, apenas, identificar a presença de dois factores nesse aumento dos nascimentos: por um lado, a existência de uma base populacional mais favorável e, por outro, a progressiva consolidação de um modelo de fecundidade mais tardio.

Começemos pelo efeito da base populacional.

A capacidade de se ter filhos é limitada em termos etários. Estatisticamente, o período fértil da mulher é identificado com a faixa etária 15-49 anos, sendo entre os 20 e os 34 anos que se situa o período de maior fertilidade.

Se tivermos duas populações com o mesmo número médio de filhos por mulher (em idade fértil), o número de nascidos será naturalmente maior no caso da população que tiver mais mulheres nas idades férteis.

Desta forma, o facto de passarem a existir mais mulheres no período fértil e, dentro deste, nas idades mais férteis pode contribuir para um aumento do número de nascimentos.

Ora, isso está a acontecer em Portugal.

Com efeito, de 1991 (de acordo com os dados do último recenseamento da população) para 1997 (de acordo com as estimativas intercensitárias divulgadas pelo INE), o número de mulheres nas idades férteis (15-49 anos) aumentou um pouco (quadro n.º 1). Por outro lado, aumentou também a concentração de mulheres nas idades mais férteis (20-34 anos): em 1991 as mulheres neste GI correspondiam a 44,3% da população com 15-49 anos, em 1995 correspondiam a 45,5%, em 1996 a 45,8% e em 1997 a 46,1%. Esta ligeira alteração, verificada na composição etária da população feminina no período fértil, constitui, assim, um dos factores explicativos do aumento do número de nascimentos.

População feminina, por grupos de idade, até aos 50 anos (Portugal)

[QUADRO N.º1]

	1991*	1995**	1996**	1997**
0-4	265 544	270 170	267 140	266 360
5-9	314 724	266 090	267 710	270 950
10-14	383 142	315 260	302 160	289 180
15-19	417 148	383 160	367 730	354 800
20-24	378 404	418 010	421 200	418 260
25-29	366 912	379 830	387 310	396 760
30-34	353 452	367 850	369 750	372 090
35-39	339 126	353 400		360 040
40-44	326 671	337 980	339 050	342 650
45-49	297 781	323 960	329 280	333 070
<i>Total 15-49</i>	<i>2 479 494</i>	<i>2 564 190</i>	<i>2 572 600</i>	<i>2 577 670</i>

* Dados retirados do *XIII Recenseamento Geral da População*, INE, Lisboa.

** Dados estimados pelo GED, INE, Lisboa.

A demonstrar que, independentemente dos níveis de fecundidade, a evolução da estrutura etária feminina influenciou positivamente no aumento do número de nascimentos, estão os resultados do seguinte exercício de simulação, frequentemente utilizado em estudos de índole demográfica.

Supondo-se que os níveis de fecundidade femininos observados, por grupos de idade, em 1990/91 se mantinham inalterados daí para a frente (ou seja, que o comportamento fecundo das mulheres portuguesas não se tinha modificado desde o início dos anos 90), a simples alteração da composição etária feminina faria com que o número total de nascimentos aumentasse, cerca de 0,8%, entre 1995 e 1996 e, cerca de 0,6%, entre 1996 e 1997. Também, e relativamente ao período 1995-1996, note-se que, se a composição etária da população estimada para 1996 tivesse sido semelhante à de 1995, o número total de nascimentos em 1996 seria menor do que o realmente registado, ou seja, em vez dos cerca de 110 000 nascimentos, teriam ocorrido cerca de 109 000.

A base populacional teve, assim, alguma influência sobre a evolução dos nascimentos, mas não é suficiente para explicar os aumentos registados. A alteração do calendário de fecundidade das mulheres portuguesas¹ é o outro factor que se associa a essa evolução dos nascimentos.

¹ Sobre este assunto consultar J. Peixoto, «Indicador conjuntural ou descendência final? Da quebra à retoma da fecundidade nas sociedades europeias», in *Análise Social*, vol. XXVIII (120), 1993, pp. 145-159.

A este propósito verifica-se que as mulheres portuguesas estão a retardar a concretização do seu projecto de maternidade², sendo inclusivamente bastante significativa a subida verificada da idade média das mulheres ao nascimento do seu 1.º filho: passa de 24 anos em 1980/81 para 25 anos em 1990/91 e para 26 anos em 1996³.

Esta substituição de um padrão de fecundidade mais precoce por um padrão de fecundidade mais tardio tem implicações em certos dados de momento (conjunturais), nomeadamente no número de nascimentos e no resultado do «índice sintético de fecundidade» (ISF)⁴.

Com efeito, tanto o número de nascimentos como o valor do ISF são fruto do comportamento de múltiplas gerações de mulheres que coexistem em cada momento do tempo (tendo, como tal, um significado transversal e não longitudinal). Contudo, apesar de transversais, esses dados não estão isentos da influência de alterações comportamentais que certas gerações podem «transportar» para o momento que está a observar-se, nomeadamente a adopção (por parte das novas gerações que vão entrando no período fértil) de um padrão de fecundidade mais tardio.

Assim, e num primeiro momento, pode dar-se uma quebra excepcionalmente forte do número de nascimentos e do valor do ISF pela conjugação dos dois padrões de fecundidade: o precoce, com muitas das mulheres nas idades superiores do período fértil a já não terem filhos porque os tinham tido em idades mais jovens, e o tardio, com muitas das mulheres mais jovens do período fértil ainda sem terem filhos na expectativa de concretizarem este projecto de maternidade mais tarde. Nesse momento, a idade média de fecundidade regista aumentos significativos de valores (fase de desestabilização máxima) em virtude de as principais quebras de fecundidade se situarem nas idades mais jovens do período fértil.

² Sobre este adiamento da maternidade, verificado essencialmente após o início dos anos 80, o estudo *Padrões Recentes da Fecundidade em Portugal (Cadernos da Condição Feminina, n.º 41, 1995)* refere que, com o avanço da escolarização das jovens e a crescente inserção das mulheres no mercado de emprego, «as várias etapas do ciclo de vida passaram a ser objecto de um planeamento rigoroso: as diferentes fases tendem a suceder-se disciplinarmente no tempo e a ser bem marcadas pela dominância de uma actividade sobre as outras: estudo/inserção no mercado de emprego/progressão profissional/maternidade...» (p. 38).

³ Não se incluem valores relativos a 1997, pois, no momento em que se realizou este artigo, ainda não estava disponível a informação sobre os nascimentos por grupos de idade das mães em 1997.

⁴ Diferentemente da *descendência média*, que informa sobre o número médio de filhos que as mulheres de uma determinada geração tiveram uma vez chegadas ao fim do período fértil, o *índice sintético de fecundidade* informa, para um determinado momento do tempo, qual seria o número médio de filhos que as mulheres que entram para o período fértil teriam se, no seu percurso pelas várias idades, adoptassem o comportamento daquelas que nesse momento estão no período fértil.

Num segundo momento os valores dos nascimentos e do ISF poderão aumentar apenas pelo simples facto de as gerações de mulheres que atrasaram o seu projecto de fecundidade começarem a chegar às idades mais maduras, concretizando, assim, o seu projecto de maternidade. Nesta 2.^a fase (de progressiva consolidação do modelo de fecundidade mais tardio) os valores da idade média de fecundidade, embora altos, passam a registar variações menores do que no período anterior.

Este efeito das variações de calendário de fecundidade sobre a subida do valor do ISF (e, conseqüentemente, sobre o número de nascimentos⁵) pode confirmar-se pela aplicação ao caso português de uma fórmula que entra em consideração com esse atraso da fecundidade⁶:

$$(12 \text{ meses} + \text{número de meses de atraso})/12 \text{ meses} \times \text{ISF} = \text{«ISF corrigido»}$$

O valor do «ISF corrigido» é indicativo do número médio de filhos por mulher que deveria registar-se caso não tivesse ocorrido qualquer variação no calendário de fecundidade. Assim, as diferenças encontradas entre o valor do ISF e o valor do «ISF corrigido» só podem ser devidas ao aumento da idade média de fecundidade, encontrando-se o valor do ISF tanto mais afastado (por defeito) do valor do «ISF corrigido» quanto maior for o atraso verificado na idade média de fecundidade.

A aplicação desta fórmula à situação portuguesa recente (quadro n.º 2), leva a concluir que, se, de 1995 para 1996, o valor do ISF aumentou ligeiramente (de 1,40 filhos para 1,43 filhos), esse aumento não significa necessariamente que os níveis globais de fecundidade feminina tenham aumentado. As variações registadas, nesse período, na idade média de fecundidade parecem bastar para explicar o sucedido.

Com efeito, o aumento da idade média de fecundidade feminina de 1995 para 1996 foi menor (0,4%) do que o registado entre 1993 e 1994 e entre 1994 e 1995 (0,7%). Desta forma, e em virtude de a variação da idade média de fecundidade ter sido menor de 1995 para 1996, o ISF (observado) fica, em 1996, mais próximo do valor do «ISF corrigido»: a distância (por defeito) do ISF ao «ISF corrigido» passa de 17%, em 1994 e em 1995, para 9%, em 1996. Assim, embora o valor do «ISF corrigido» baixe de 1995 para 1996, da maior proximidade do ISF ao «ISF corrigido» em 1996 resultou (de acordo com a fórmula sugerida) uma ligeira subida do ISF de 1995 para 1996.

⁵ O número de nascimentos é função, quer do número e tipo de distribuição da população feminina dentro do período fértil (base populacional que, como notámos para Portugal, se tornou mais favorável), quer das taxas de fecundidade femininas observadas nessas várias idades (de cuja soma o ISF é resultado).

⁶ V. referência nota 1.

ISF, «ISF corrigido» e idade média de fecundidade de 1993 até 1996⁷ (Portugal)

[QUADRO N.º2]

	1993	1994	1995	1996
ISF.....	1,52	1,44	1,40	1,43
Idade média de fecundidade . . .	27,7	27,9	28,1	28,2
«ISF corrigido».....	-	1,73	1,68	1,57

Fontes: Estimativas da População Residente e Estatísticas Demográficas, INE, Lisboa.

Pelas razões invocadas, apesar do recente aumento do número de nascimentos e do possível aumento dos valores do ISF, é prematuro afirmar que em meados dos anos noventa as mulheres passaram a «apostar» em descendências mais numerosas que no passado recente. Para já, apenas é possível dizer que, para um número médio de filhos que continua muito inferior ao necessário para se garantir a substituição de gerações, as mulheres portuguesas estão a tornar-se mães mais velhas.